



**O OBJETO ARTÍSTICO E A PESQUISA HISTÓRICA:
TAMBORES NA NOITE NA CENA DE BERTOLT
BRECHT E FERNANDO PEIXOTO – (RE)
SIGNIFICAÇÃO, ENGAJAMENTO E HISTORICIDADE**

Leilane Aparecida Oliveira*
Universidade Federal de Uberlândia - UFU
leilane.ufu@gmail.com

A construção de obras artísticas não deve ser entendida como visão privilegiada de um criador. Ele, por sua vez, é fruto de uma sociedade onde “os valores são vividos”, repensados e reavaliados cotidianamente, por isso o resultado de sua produção possui uma historicidade que lhe é própria.¹

O Livro **Tambores na Noite: a Dramaturgia de Brecht na Cena de Fernando Peixoto**, escrito por Rodrigo de Freitas Costa é um dos grandes títulos da série “A História Invade a Cena” da Coleção “Teatro” (Editora Hucitec). É fruto da dissertação de mestrado, intitulada: **Tempos de resistência democrática: os tambores de Bertolt Brecht ecoando na cena teatral brasileira sob o olhar de Fernando Peixoto**, defendida em fevereiro de 2006 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação da professora Doutora Rosângela Patriota Ramos.

O livro é um trabalho com conteúdo riquíssimo em termos de teoria e metodologia em história, principalmente por refletir sobre uma série de questões acerca do trabalho do historiador e seu objeto de pesquisa, sobretudo, quando o mesmo é um objeto artístico.

* Leilane Aparecida Oliveira é aluna do Mestrado do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia

¹ COSTA, Rodrigo de Freitas. **Tambores na Noite: A dramaturgia de Brecht na cena de Fernando Peixoto**. São Paulo: HUCITEC, 2010, p. 34.

Antes de adentrar em seu conteúdo, cabe ressaltar o prefácio escrito pela professora Doutora Maria Helena Rolim Capelato, que contempla a obra e o autor pela “ousadia”, como ela mesma descreve, da análise de uma obra de Bertolt Brecht e da leitura que dela foi feita por Fernando Peixoto no contexto da Ditadura Militar. Rodrigo de Freitas Costa é ainda elogiado pela “maturidade de reflexão analítica” que inclui uma discussão importante com Walter Benjamin, que definirá seu caminho interpretativo e que acrescenta riqueza ao seu trabalho. No Prefácio, ainda é feita uma breve avaliação e apresentação do que há de mais relevante discutido pelo autor, como por exemplo: o engajamento artístico, conexões entre estética e política e a relação entre o indivíduo e a sociedade.

O autor é ainda contemplado por sua sensibilidade que comove o leitor, contrapondo, segundo Maria Helena Rolim Capelato à tendência atual de “produtividade taylorista” no campo da pesquisa.

O livro inicia-se com uma Introdução que para além da apresentação dos capítulos desde já nos traz como proposta pensar nas possibilidades interpretativas do texto dramático a partir de “Tambores na Noite”, em que na busca por “recompôr os fragmentos” do espetáculo teatral ocorrido em 1972, em São Paulo, a relação passado e presente se apresentou como algo difusa, complexa e não linear.

Mais do que o espetáculo em si e suas temáticas, Rodrigo apresenta a importância em inseri-la em um tempo e espaço, pois parte-se de uma (re) significação, portanto, é importante resgatar a própria elaboração do texto dramático em seu contexto original, por Bertolt Brecht, bem como recuperar a construção cênica e a recepção do espetáculo por parte da crítica especializada. Tudo isso, segundo ele, intermediado pelo tempo do historiador-pesquisador, construindo indagações que em algum momento perpassam pela cabeça de todos os historiadores ao pensar seu lugar na pesquisa histórica, para tanto o autor utiliza ricamente as contribuições de Carlos Alberto Vesentini ao remeter ao “tempo interpretador”:

Como, entretanto, entender esse “tempo interpretador” e sua relação com o passado? Afinal, até que ponto aquilo que já ocorreu é passível de ser recuperado? Como uma pergunta inicial se desdobra em múltiplos questionamentos? E, o primordial, por que uma pergunta do presente se dirige ao passado?²

² COSTA, Rodrigo de Freitas. **Tambores na Noite**: A dramaturgia de Brecht na cena de Fernando Peixoto. São Paulo: HUCITEC, 2010, p. 20.

Sob esses questionamentos busca uma relação com Benjamin e a concepção de tempo, por criticar a ideia de um tempo homogêneo e vazio, pois a relação passado e presente para ele possui um sentido transformador, ou seja: “o passado é rememorado com vistas à transformação social do presente e não como um ponto específico em uma grande linha do tempo”.³ É o que torna Benjamin tão essencial a este livro, ao passo que dialoga, segundo o autor, com o próprio enredo de *Tambores na Noite*, uma vez que parte da Revolta Espartaquista, ocorrida em 1919 na Alemanha e que serve de fundo, segundo o autor, para as ações dos personagens de Brecht.

Assim ao longo da introdução traz esse balanço da importância do historiador e do lugar que ocupa diante da pesquisa enquanto interlocutor de um passado, enquanto agente transformador, e sujeito de luta com o próprio mundo contemporâneo no campo da transmissão de experiência, assim: “Instaura-se, portanto, sempre um procedimento interpretador, em que o historiador e seu próprio tempo não podem ser entendidos como entidades “neutras” diante da análise do passado, mas, ao contrário disso, sujeitos da própria pesquisa”.⁴ E desse ponto de vista dialoga com Vesentini, ao afirmar a importância de o historiador tomar consciência de sua posição.

Assim, entre as modificações sofridas ao longo da pesquisa, segundo o autor, podemos perceber que a amplitude da própria pesquisa histórica, o fato de escolhermos um caminho e por ele trilhar, não exclui as inúmeras possibilidades que a mesma carrega e, dessa maneira, através do presente livro, nós, leitores, podemos nos aproximar do passado, sob inúmeras perspectivas, pois se trata de um processo interpretativo, que Rodrigo de Freitas Costa observou muito bem e deixou claro desde então.

Em seu primeiro Capítulo, intitulado **Historicidade e Discussão estética: Análise do texto teatral *Tambores na Noite***, Costa inicia citando Edward Thompson ao recuperar o objeto artístico enquanto carregado de tensões e incertezas, ou seja, todo objeto artístico possui historicidade, precisam ser tratadas em seu próprio momento e mais, como prática social. Dessa maneira, o autor desdobra-se para a análise do texto em seu contexto original, escrito em 1919, sob o subtítulo: **Tensões e incertezas. A recusa brechtiana de uma estética normativa e a valorização da problemática**

³ COSTA, Rodrigo de Freitas. **Tambores na Noite**: A dramaturgia de Brecht na cena de Fernando Peixoto. São Paulo: HUCITEC, 2010, p. 22.

⁴ Ibid., p. 26.

social, onde busca mobilizar as questões que envolviam Brecht no momento em que escreveu **Tambores na Noite**, valorizando as experiências vividas pelo dramaturgo, mesmo antes da construção da peça, que entre tensões com o mundo real, “vivenciou as intempéries políticas de uma Alemanha derrotada em um conflito mundial e que vive sua primeira experiência republicana ao lado de uma vertiginosa produção cultural.” Desta maneira, Brecht cria **Tambores na Noite**, relatando em seus diários a dificuldade e insatisfação e até mesmo insegurança que, segundo o autor, para além da sociedade, das incertezas produzidas pela época em que escreve, repercute na própria obra e deixa transparecer o quão árduo é o próprio processo criativo. Rodrigo se propõe, portanto, a analisar Brecht enquanto um homem de seu tempo em embate com a sociedade e com a própria concepção estética da arte, sobretudo com a concepção aristotélica e clássica do drama.

Ora, o que o autor ressalta no decorrer do capítulo é que, tendo Brecht vivenciado a Primeira Guerra Mundial e nela trabalhado como enfermeiro, fomentou nele uma visão de mundo que convergia para a necessidade de mudança social:



Nesse contexto, era preciso repensar as discussões estéticas a partir da crueldade exposta pela guerra, era importante reavaliar o homem como ser social, pois a ideia de sociedade havia mudado e colaborava para a valorização das experiências individuais, além do que era necessário demonstrar por meio da arte que a sociedade é passível de transformações.⁵

Assim, o que se salienta é que além de repensar as “fórmulas dramáticas” Brecht faz isso a partir da experiência de um conflito mundial que, segundo o autor: “não poderia ser visto como algo normal, inerente ao progresso e à ação humana”.⁶ E a partir daí é demonstrado como Brecht repensa o sentido de tragédia tendo por referência as incertezas da escrita de **Tambores na Noite**. Nesse ponto da discussão, o autor faz um importante diálogo com Raymond Williams e em seu livro **Tragédia Moderna**, o qual serve de apoio para se pensar quem foi Brecht, como ele pensou o homem e a arte, além de sua concepção estética.

No segundo momento do Primeiro Capítulo parte-se para uma discussão temática, voltada para o próprio enredo de **Tambores na Noite**, onde o autor circunstancia a obra em seu contexto, desvendando a estrutura dramática da peça e a

⁵ COSTA, Rodrigo de Freitas. **Tambores na Noite**: A dramaturgia de Brecht na cena de Fernando Peixoto. São Paulo: HUCITEC, 2010, p. 64.

⁶ Ibid.

maneira como Brecht organiza a trama, constrói as personagens, o espaço cênico, a iluminação, composição sonora, conforme apontado pelas rubricas. A partir da obra, busca-se pensar a respeito do que foi Brecht dramaturgo escrevendo na Alemanha após a Primeira Guerra Mundial. Momento que, de acordo com Rodrigo de Freitas Costa, presenciou inúmeras transformações, as quais podem ser percebidas em **Tambores na Noite**. Dessa maneira, o autor termina o capítulo refletindo acerca da relação de Brecht com o leitor/espectador:

Quanto à estrutura do enredo de *Tambores na Noite*, cabe mais uma rápida palavra. Desde a juventude, Brecht soube realizar suas escolhas e fez de seu ofício uma forma de favorecer a aprendizagem e criticidade. Nunca legou aos seus leitores/espectadores uma verdade pronta a ser deglutida, não os tratou como tábua rasa. Valorizou a aprendizagem a partir de seu objetivo precípua e instigante: a perspectiva de transformação social. (...) Antes de lamentar o destino caótico de Belickes, Murks, Babushs, Paules, Annas, Kragles e demais personagens de *Tambores*, é necessário compreender o que levou à construção do caos, pois o reverso dessa situação está nas mãos dos que leem ou assistem.⁷

O autor mostra, portanto, que Brecht, por meio de sua peça, deixa aberta ao leitor ou espectador margens para interpretações e que entre teoria e literatura dramática não existem superioridades e sim construções históricas possíveis.

O Capítulo 2 é ainda mais instigante, sobretudo, por nos apresentar Brecht, sob o olhar de Fernando Peixoto. Dessa forma, o presente capítulo se intitula: **“Ele formulou projetos, nós os aceitamos” As propostas de Bertolt Brecht revisitadas por Fernando Peixoto**. A discussão que aqui se faz, parte da questão da atividade artística na década de 1970, sob o ponto de vista da noção de engajamento. Discussão crucial no livro, uma vez que é sobre esse viés político que Fernando Peixoto atuará, consistindo, segundo o autor: “um dos nomes que, por diversos meios, encurtou as distancias entre o engajamento teatral e o público brasileiro durante o período de intensificação da censura”.⁸

E sob esse contexto político, o autor busca avaliar como Brecht foi adaptado e (re) significado por Fernando Peixoto no Brasil de 1972. Para isso, descortina o que foi o fazer teatral de Fernando Peixoto, sob quais circunstâncias ele se formou como “homem do teatro” e intelectual engajado e, sobretudo, como se constituiu em

⁷ COSTA, Rodrigo de Freitas. **Tambores na Noite: A dramaturgia de Brecht na cena de Fernando Peixoto**. São Paulo: HUCITEC, 2010, p. 122.

⁸ Ibid, p. 126.

especialista na obra de Brecht. A partir daí chega, portanto, a outra discussão fundamental, a da (re) significação teatral, pois mesmo que Fernando Peixoto seja especialista em Brecht, Rodrigo afirma que:

[...] precisa-se de cautela quanto a qualquer significado de transposição direta das ideias do dramaturgo para solo brasileiro, sem deslocamentos e reavaliações, e mais ainda quanto a existência de uma única interpretação ou (re)significação. Quando Peixoto dá a Brecht o status de companheiro de trabalho, localiza o dramaturgo em um espaço fluido, no qual possibilita atualizações e aproximações diversas.

Feito esse parêntese, Rodrigo reforça a ideia de que a visão do encenador, isto é, Fernando Peixoto, é apenas uma entre várias.

Segundo o autor, Fernando Peixoto chama a atenção para a importância da transformação teatral no Brasil e faz isso através de sua experiência teatral e influências das ideias brechtianas, sobretudo no questionamento das fórmulas dramáticas e da imutabilidade do Homem. O autor trata ainda da relação Brecht-Peixoto, aproximando os dois teatrólogos, uma vez que “escrevem em momentos sociais diferentes que necessitam ser valorizados em suas singularidades”.⁹ No entanto, aponta para as dificuldades enfrentadas por Fernando Peixoto em seu intuito de transformar o teatro brasileiro juntamente com as propostas de Brecht, sobretudo por encontrar meios para sua ação a partir do cerceamento da liberdade de expressão dos brasileiros, com o AI5 em 1968. Ou seja, Rodrigo mostra que: “Nesse ambiente, essas propostas são vistas como possibilidades para a efetivação de uma expressão teatral capaz de denunciar e discutir as arbitrariedades dos governantes por meio da relação entre palco e plateia”.¹⁰

Se de um lado temos um Brecht pós Primeira Guerra Mundial, no Brasil temos Fernando Peixoto pós Golpe Militar, marcando confluência de ideias do teórico Brecht e de Fernando Peixoto encenador, ambos estabelecendo, segundo o autor projetos embasados na historicidade.

A partir desse pressuposto, a trajetória de Fernando Peixoto é desvendada aos olhos do leitor, chegando ao Teatro Oficina em 1963 e o espaço ocupado pelas encenações de Brecht, construindo-se enquanto adaptações críticas e conscientes, em que o artista Fernando Peixoto reforçará a importância de Brecht no Brasil, como

⁹ COSTA, Rodrigo de Freitas. **Tambores na Noite: A dramaturgia de Brecht na cena de Fernando Peixoto**. São Paulo: HUCITEC, 2010, p. 132.

¹⁰ Ibid., p. 137.

apresenta o autor sempre dialogando com os dois contextos e, sobretudo, com Brecht enquanto teórico e que repensa o fazer teatral e Fernando Peixoto enquanto encenador preocupado com a transformação do teatro no Brasil, influenciado pelas teorias brechtianas pelo viés estético e político.

Em seguida, partindo para o cenário político, social e cultural brasileiro com mais afinco, Rodrigo de Freitas Costa apresenta-nos de maneira interessante o tema do nacional-popular, as teorias marxistas e suas diferentes leituras para falar da derrota da esquerda no Brasil após 1964 e como esse tema influenciará no diálogo arte e sociedade, sobretudo com relação à busca por uma identidade nacional. Faz isso inserindo no processo os diferentes agentes, artistas, sobretudo Fernando Peixoto que “entre o pensamento autoritário e a realidade estruturaram seus trabalhos”, atuando segundo o autor, nas “brechas” deixadas pela política autoritária e reguladora do Estado, empreendendo, de acordo com o mesmo, um discurso que priorizava a luta pelo retorno do Estado de Direito.¹¹

Quanto ao tema do nacional-popular e o papel dos artistas e intelectuais nesse contexto de Ditadura Militar, Rodrigo, dialogando com o pensamento de Rosângela Patriota assim define:

Assim, se no período anterior ao golpe o tema do “nacional” e do “popular” estiveram ligados à luta pelos interesses das camadas subalternas da população, após a configuração do Estado autoritário esses conceitos passaram a ser relacionados à unidade de ação e resistência. Cabia aos artistas e intelectuais que optaram pela “resistência democrática” lutar pelos direitos de livre expressão, associação e organização de partidos políticos. As peças e os espetáculos teatrais dos dramaturgos, encenadores e atores que optaram por essa forma de militância priorizavam temas como “liberdade”, “luta contra opressão” e “denúncia social”.

E a partir daí outro universo é descortinado aos olhos do leitor, adentra na História do Teatro Brasileiro citando peças teatrais, dramaturgos, intelectuais que fizeram frente à resistência democrática, posteriormente discutindo o engajamento teatral na década de 1970 e suas possibilidades e como **Tambores na Noite** se insere nesse contexto pelo olhar de Fernando Peixoto, enquanto possibilidade do engajamento teatral brasileiro. E antes que o leitor adentre ao Capítulo 3 é apresentado um acervo iconográfico, com imagens que versam desde a preparação, a leitura do texto pelos

¹¹ COSTA, Rodrigo de Freitas. **Tambores na Noite**: A dramaturgia de Brecht na cena de Fernando Peixoto. São Paulo: HUCITEC, 2010, p. 162.

atores brasileiros junto ao encenador Fernando Peixoto até a concretização do espetáculo: Cenário, figurino, iluminação e encenação, despertando curiosidade para o que vem a seguir: **Em Cena Tambores da Noite. Entre a revolução e a cama: as incertezas do processo histórico.**

O autor oferece indícios do espaço e tempo ocupado pela encenação brasileira de **Tambores na Noite**, ocorrida em 1972 no Studio São Pedro sob a direção de Fernando Peixoto, com elenco advindo do Teatro de Arena. O autor analisa o processo de elaboração do espetáculo e a própria recepção crítica, destacando a importância da mesma para ajudar a compreender o processo.

Retoma mais uma vez o contexto original para melhor avaliar o significado histórico do espetáculo dirigido por Fernando Peixoto e toma o espetáculo enquanto proposta de engajamento teatral. Por isso ressalta a trajetória de Fernando Peixoto, perpassando pelo Teatro Oficina, Teatro de Arena e Theatro São Pedro, donde a encenação se materializa em meio às discussões políticas.

Assim, Rodrigo de Freitas Costa ressaltará de que forma tornava-se consistente a ideia de grupos teatrais e a relação com a militância política no período de repressão, como se organizavam e se uniam em prol de uma criação coletiva e junto a isso, o processo de produção de espetáculos, que enfrenta crise no pós-1964 por causa do custeamento, ou seja, financiamento das mesmas, por isso o autor cita a fala do próprio Fernando Peixoto transparecendo essa dificuldade: “Para sobreviver desempenhando uma missão cultural o teatro precisa ser subvencionado. E largamente subvencionado. [...] Em última análise nenhum governo vai financiar um teatro contra si próprio”.¹²

Assim, o autor apresenta a maneira pela qual **Tambores na Noite** perpassa por todas essas premissas e consegue ser produzida e encenada, como se materializa através da atuação, iluminação, composição cenográfica, estrutura adotada, etc. Buscando dialogar com a realidade política e social da década de 1970 por meio de documentos como: fotografias, depoimentos e bibliografia especializada, fazendo uma ponte entre passado e presente diante de dois contextos diferentes, o de Brecht na Alemanha pós-Guerra e o de Fernando Peixoto no Brasil pós-1964, reconhecendo a importância de Fernando Peixoto enquanto diretor, encenador, leitor e crítico de Brecht, resgatando a historicidade da obra brechtiana e enriquecendo o repertório artístico e cultural do

¹² COSTA, Rodrigo de Freitas. **Tambores na Noite: A dramaturgia de Brecht na cena de Fernando Peixoto**. São Paulo: HUCITEC, 2010, p. 227.

teatro brasileiro ao adaptar e (re)significar *Tambores na Noite* em um momento em que se faz necessário repensar as práticas sociais, como no contexto da ditadura militar. Mais do que destacar essas premissas o autor capta esse processo que recria em outro contexto um espetáculo, entre aproximações e distanciamentos, numa leitura minuciosa da peça de Brecht.

Por fim, foram apresentadas aqui apenas algumas das discussões engendradas neste livro de grande riqueza temática, que possui uma estrutura bem urdida, trazendo inúmeras questões a serem pensadas pelo historiador, como a própria construção do enredo, o lugar e papel do historiador, sobretudo daquele que tem como fonte de pesquisa o objeto artístico, etc. Além do mais, recuperar Bertolt Brecht e sua obra por meio do olhar de outros sujeitos, sobretudo Fernando Peixoto, que é um grande nome na História do Teatro Brasileiro não é tarefa fácil, sobretudo por se tratar de contextos diferentes. Nesse sentido, o historiador Rodrigo de Freitas Costa com seu gabarito e competência soube demarcar cada contexto e a partir daí travar diálogos interessantes, intermediando-as tendo em vista que também ele fala de um tempo e espaço determinado, deixando claras as inúmeras possibilidades encontradas.

